

Até que a culpa nos separe



Liane Moriarty

Autora de *Pequenas grandes mentiras*,
livro que deu origem à série **BIG LITTLE LIES**, da HBO

**Até que a culpa
nos separe**

Liane Moriarty

Até que a culpa nos separe

TRADUÇÃO DE
Julia Sobral Campos



Copyright © 2016 by Liane Moriarty

TÍTULO ORIGINAL
Truly Madly Guilty

REVISÃO
Laís Curvão
Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO
Leandro Peres

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M849a

Moriarty, Liane, 1966-
Até que a culpa nos separe / Liane Moriarty ; tradução Julia
Sobral Campos. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
464 p. ; 23 cm

Tradução de: Truly madly guilty
ISBN 978-85-510-0191-2

1. Romance australiano. I. Campos, Julia Sobral. II. Título.

17-41024

CDD: 828.99343
CDU: 821.111(94)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Jaci

A música é o silêncio entre as notas.

— CLAUDE DEBUSSY

CAPÍTULO UM

— **A** história começa com um churrasco — disse Clementine. O microfone amplificava e suavizava sua voz, deixando-a mais autoritária, como se tivesse sido alterada no computador.

— Um churrasco comum em um jardim comum.

Bem, o jardim não era muito *comum*, pensou Erika. Ela cruzou as pernas na altura dos tornozelos e fungou. Ninguém consideraria o jardim de Vid “comum”.

Erika estava sentada no meio da última fileira da plateia, na sala de eventos anexa à biblioteca local que fora reformada com elegância, em um subúrbio que ficava a *quarenta e cinco* minutos do centro da cidade, “não trinta, está bem?”, como lhe avisaram na cooperativa de táxi, que supostamente deveria ter algum conhecimento sobre o assunto.

Havia cerca de vinte pessoas na plateia, embora o número de cadeiras dobráveis disponíveis fosse duas vezes esse. A maior parte do público era formada por idosos com expressões alegres e cheias de expectativa. Eram cidadãos seniores inteligentes e cultos que haviam ido até lá naquela manhã chuvosa (mas por acaso essa chuva iria parar algum dia?) para obter novas e fascinantes informações na “Reunião de Assuntos da Comunidade”. “Vi uma mulher interessantíssima discursando hoje”, eles gostariam de dizer a seus filhos e netos.

Antes de ir até lá, Erika dera uma olhada no site da biblioteca para descobrir como descreviam o discurso de Clementine. A sinopse era curta e pouco informativa: *Ouçã Clementine Hart, mãe e famosa violoncelista de Sydney, contar a história “Um Dia Comum”*.

Será que Clementine era mesmo uma violoncelista “famosa”? Parecia exagero.

Os cinco dólares cobrados na entrada do evento incluíam dois oradores convidados, um delicioso chá matinal caseiro e a chance de ganhar um prêmio no sorteio. O convidado que se apresentaria depois de Clementine falaria sobre o polêmico projeto do conselho que pretendia construir uma piscina. Erika ouvia o distante e delicado tilintar de xícaras e pires sendo arrumados para o chá matinal. Ela segurava cuidadosamente o delicado bilhete do sorteio no colo. Não queria se dar o trabalho de colocá-lo na bolsa para ter que procurá-lo quando começasse o sorteio. Azul, E 24. Não parecia um bilhete premiado.

A mulher sentada bem diante de Erika inclinava a cabeça com cabelo cacheado e grisalho para o lado, em uma postura compreensiva e interessada, como se estivesse pronta para concordar com tudo o que Clementine dissesse. A etiqueta da sua blusa estava para fora. Tamanho quarenta. Target. Erika estendeu o braço e a colocou para dentro.

A mulher virou a cabeça.

— Etiqueta — sussurrou Erika.

Ela sorriu em agradecimento e Erika percebeu que sua nuca ficou cor-de-rosa. O homem mais novo sentado ao seu lado, seu filho, talvez, que parecia ter uns quarenta anos, havia tatuado um código de barras na nuca, como se fosse um produto de supermercado. Será que era para ser engraçado? Irônico? Simbólico? Erika queria lhe dizer que, na verdade, era estúpido.

— Era apenas uma tarde comum de domingo — continuou Clementine.

A evidente repetição da palavra “comum”. Clementine devia ter decidido que era importante parecer “reconhecível” para aquelas pessoas comuns no subúrbio comum. Erika imaginou Clementine sentada à sua pequena mesa de jantar, ou talvez à escrivaninha antiga de Sam, que não fora restaurada, ou em uma varanda de arenito *vintage* com “vista para a água”, escrevendo o breve discurso que faria para a comunidade enquanto mordiscava a ponta da caneta e jogava todo o cabelo escuro e volumoso por sobre um dos ombros, acariciando-o do seu jeito sensual e ligeiramente vaidoso, como se fosse Rapunzel, e pensando: comum.

É verdade, Clementine, como você vai fazer as pessoas comuns entenderem?
— O inverno estava começando. Era um dia frio e sombrio — continuou ela.

Como assim...? Erika se remexeu na cadeira. Fora um dia lindo. Um dia *magnífico*. Essa fora a palavra que Vid usara.

Ou talvez “glorioso”. Enfim, uma palavra desse tipo.

— Estava muito frio — disse Clementine.

Ela chegou a estremecer de forma teatral e, com certeza, desnecessária, afinal a sala estava aquecida a ponto de parecer que um homem sentado algumas fileiras à frente de Erika estava cochilando. Suas pernas estavam esticadas à frente e as mãos, cruzadas confortavelmente sobre a barriga, a cabeça inclinada para trás como se a apoiasse em um travesseiro invisível. Talvez tivesse morrido.

Era possível que o churrasco houvesse ocorrido em um dia ameno, mas certamente não *sombrio*. Erika sabia que os relatos de testemunhas oculares tinham fama de serem duvidosos, porque as pessoas acham que basta apertar “rebobinar” no pequeno gravador instalado em suas cabeças, mas na verdade elas constroem as próprias memórias. Elas “desenvolvem as próprias narrativas”. Portanto, quando Clementine pensava no churrasco, ela se lembrava de um dia frio e sombrio. Mas estava enganada. Erika relembrava (*relembrava*, afinal não estava construindo uma memória) que, na manhã do churrasco, Vid se inclinara para se aproximar da janela do seu carro.

“Que dia *magnífico!*”, dissera ele.

Erika tinha certeza absoluta de que fora isso que ele dissera.

Ou então “glorioso”.

Mas usara uma palavra com conotação positiva. Ela não tinha dúvida quanto a isso.

(Se ao menos Erika tivesse dito “Sim, Vid, o dia está mesmo *magnífico*/glorioso” e colocado de volta o pé no acelerador...)

— Eu me lembro de ter agasalhado bastante minhas filhas — disse Clementine.

Provavelmente fora Sam quem arrumara as garotas, pensou Erika.

Clementine pigarreou e segurou as laterais do púlpito com as mãos. O microfone estava alto demais, por isso passava a impressão de que ela precisava ficar na ponta dos pés para conseguir aproximar a boca. O pescoço alongado acentuava a magreza recente do seu rosto.

Erika cogitou a possibilidade de passar discretamente pela lateral da sala e se aproximar para ajustar o microfone. Levaria só um segundo. Imaginou Clementine sorrindo em agradecimento. “Ainda bem que fez aquilo”, diria ela mais tarde enquanto tomavam café. “Você salvou o dia.”

Mas, na verdade, Clementine não queria que Erika estivesse ali. Ela notara a expressão de horror de Clementine quando insinuara que gostaria de ouvir seu discurso, por mais que tivesse se recuperado rapidamente e dito que não havia problema, ótimo, maravilha, inclusive as duas poderiam tomar café na praça de alimentação depois.

— Fomos convidados de última hora — disse Clementine. — Para o churrasco. Não conhecíamos muito bem os anfitriões. Eram, hum, amigos de amigos.

Ela olhou para o púlpito como se tivesse perdido a linha de raciocínio. Levava uma pilha de fichinhas escritas à mão. Havia algo devastador sobre aquelas fichas, como se Clementine tivesse se lembrado de uma dica das aulas de oratória que tivera na escola. Provavelmente havia cortado as fichas com tesoura. Mas não com a de cabo de madrepérola da avó. Essa havia sumido.

Era estranho ver Clementine “no palco”, por assim dizer, sem o violoncelo. Tinha uma aparência tão convencional, de calça jeans azul e blusa floral “careta”. Roupa de mãe de subúrbio. As pernas de Clementine eram curtas demais para a calça jeans e pareciam ainda mais curtas com sapatilhas como as que estava usando. Bem, essa era a verdade. Ao se aproximar do púlpito, sua aparência era quase — por mais desleal que fosse dizer isso sobre Clementine — *desleixada*. Sempre que se apresentava, ela prendia o cabelo, usava salto alto e se vestia de preto: saias longas de tecido leve, largas o bastante para que ela pudesse encaixar o violoncelo entre os joelhos. Ver Clementine sentada, com a cabeça inclinada de forma carinhosa e apaixonada em direção ao violoncelo, como se estivesse abraçando o instrumento, com uma mecha comprida de cabelo quase encostando nas cordas, o braço dobrado em um ângulo estranho era sempre tão sensual, tão exótico, tão *diferente* para Erika. Toda vez que via Clementine se apresentar, mesmo depois de todos aqueles anos, Erika inevitavelmente tinha uma sensação de perda, como se desejasse algo inalcançável. Contudo, ela sempre acreditara que esse sentimento representava algo mais complexo e interessante do que inveja, porque não tinha vontade alguma de tocar um instrumento musical, mas talvez esse não fosse o caso. Talvez tudo não passasse de inveja.

Ver Clementine fazendo um breve discurso hesitante e certamente despropositado naquela salinha com vista para o estacionamento movimentado do shopping, em vez dos silenciosos salões de concerto de pé-direito alto onde ela costumava se apresentar, causava a mesma satisfação vergonhosa em Erika de ver a foto de uma estrela de cinema sem maquiagem em uma revista fútil: no fim das contas, a pessoa não é tão especial assim.

— Havia seis adultos lá naquele dia — disse Clementine.

Ela pigarreou, apoiou-se nos calcanhares para inclinar o corpo para trás, depois se equilibrou de novo.

— Seis adultos e três crianças.

E um cachorro que não parava de latir, pensou Erika. *Au, au, au.*

— Como eu disse, não conhecíamos muito bem os anfitriões, mas todos estávamos nos divertindo.

Você estava se divertindo, pensou Erika. *Você* estava.

Ela se lembrou de como a risada límpida de Clementine, parecida com um sino, aumentava e diminuía de volume junto da gargalhada grave de Vid. Viu o rosto das pessoas entrando e saindo das sombras turvas, seus olhos feito piscinas pretas, vislumbres repentinos de dentes.

Haviam esperado tempo demais naquela tarde para acender as luzes externas daquele jardim ridículo.

— Eu lembro que, em determinado momento, estávamos ouvindo música — disse Clementine.

Ela observou o púlpito à sua frente, depois voltou a erguer o olhar, como se tivesse visto algo ao longe, no horizonte. Seus olhos estavam inexpressivos. Não parecia mais mãe de subúrbio.

— “Depois de um Sonho”, do compositor francês Gabriel Fauré.

Claro que ela pronunciou o nome com o sotaque francês correto.

— É uma música linda. Tem um requintado caráter fúnebre.

Ela parou de falar. Será que tinha notado a movimentação discreta das pessoas nos bancos, o desconforto da plateia? “Requintado caráter fúnebre” não era a expressão certa para aquele público: exagerado e pretensioso demais. Clementine, meu amor, somos muito *comuns* para suas referências eruditas a compositores franceses. De qualquer forma, naquela noite também havia tocado “November Rain”, do Guns N’ Roses. Não tão pretensioso assim.

Será que o fato de ter tocado “November Rain” tivera alguma coisa a ver com a revelação de Tiffany? Ou isso acontecera antes? Em que momento

Tiffany revelara seu segredo? Fora nesse instante em que a tarde se tornara líquida e começara a escorrer para longe?

— Tínhamos bebido — afirmou Clementine. — Mas ninguém estava bêbado. Talvez um pouco alegres.

Seu olhar encontrou o de Erika, como se desde o início soubesse exatamente onde ela estava sentada e tivesse apenas evitado olhar naquela direção, até que tomou a decisão deliberada de encará-la. Erika retribuiu o olhar e tentou sorrir, como uma amiga, a amiga mais próxima de Clementine, a madrinha de suas filhas, mas seu rosto parecia paralisado, como se estivesse sob o efeito de um derrame.

— De qualquer jeito, era fim de tarde e estávamos prestes a comer a sobremesa, todo mundo rindo... — disse Clementine.

Ela desviou o olhar de Erika e se concentrou em outra pessoa na primeira fileira da plateia, o que pareceu um descaso, algo até mesmo cruel.

— ...de alguma coisa. Não lembro o quê.

Erika se sentiu zozna, claustrofóbica. A sala ficara insuportavelmente abafada.

A necessidade de sair dali de repente se tornou incontrolável. Lá vamos nós, pensou ela. Lá vamos nós de novo. Mecanismo de luta ou fuga. Ativação do sistema nervoso simpático. Uma mudança nas substâncias químicas do cérebro. Era isso que estava acontecendo. Perfeitamente natural. Um trauma de infância. Ela já havia lido tudo sobre aquilo. Sabia exatamente o que estava acontecendo, mas seu conhecimento não fazia a menor diferença. Seu corpo seguiu em frente e a traiu. Seu coração acelerou. Suas mãos tremiam. Estava sentindo o *cheiro* da sua infância, muito forte e real: umidade, mofo e vergonha.

“Não lute contra o pânico. Encare-o. Navegue por ele”, dissera sua psicóloga.

Sua psicóloga era excepcional, valia cada centavo, mas, pelo amor de Deus, como era possível navegar quando não havia espaço em lugar algum, nem em cima, nem embaixo, quando ela não podia dar um passo sem ter a sensação de que havia *coisas* apodrecendo sob seus pés?

Ela se levantou e puxou a saia que grudara na parte de trás das pernas. O sujeito com código de barras a observou por cima do ombro. A preocupação solidária em seus olhos a deixou um pouco chocada. Era como ver os olhos desconcertantemente inteligentes de um macaco.

— Desculpe — sussurrou Erika. — Tenho que...

Ela apontou para o relógio de pulso e passou pelo homem, tentando não encostar o casaco em sua nuca.

Quando Erika chegou ao fundo da sala, Clementine disse:

— Lembro que houve um momento em que minha amiga gritou meu nome. Muito alto. Nunca vou me esquecer daquele som.

Erika parou com a mão na porta, de costas para a sala. Clementine devia ter se aproximado do microfone, porque de repente sua voz tomou toda a sala:

— Ela gritou: *Clementine!*

Sempre fora ótima em imitação. Por ser instrumentista, tinha um ouvido excelente para as entonações específicas das vozes das pessoas. Erika notou um terror bruto e uma urgência aguda naquela única palavra: *Clementine!*

Sabia que ela era a amiga que gritara o nome de Clementine naquela noite, mas não tinha qualquer recordação disso. Não havia nada além de um branco onde deveria estar aquela memória, e se *ela* não conseguia se lembrar de um momento como aquele, bem, isso significava que havia um problema, uma anomalia, uma discrepância; uma discrepância extremamente significativa e preocupante. O pânico atingiu o ápice e quase a derrubou. Ela empurrou a barra da porta e saiu cambaleando sob uma chuva implacável.



A história toda começa com um churrasco.
Um churrasco no jardim de uma bela casa numa tarde ensolarada.
Meses depois, cada convidado guarda uma lembrança diferente
daquele dia. Todos têm seus motivos. E ninguém quer levar
a culpa. Enquanto tentam juntar as peças do que aconteceu,
importantes verdades e segredos difíceis vêm à tona.

**Se eles não podem confiar nas próprias
lembranças e motivações, será que realmente
podem confiar uns nos outros?**

“Liane Moriarty é uma das poucas escritoras
pelas quais eu largo qualquer coisa.”

JOJO MOYES

“Cativante, cheio de suspense, irresistível... A história de três casais
consumidos pela culpa enquanto tentam sobreviver às provações
do casamento, da paternidade e da amizade.”

PEOPLE MAGAZINE

“A autora de *Pequenas grandes mentiras* fazendo o que faz de melhor:
desvendar a verdadeira faceta de seus personagens com uma
urgência que prende completamente a atenção.”

REVISTA GLAMOUR

